

Festas de touros*

Luís Capucha¹

Resumo

A partir do relato de episódios da sua vida, o autor reflete sobre o significado da festa de toiros e o que esses animais representam para os aficionados e para as comunidades que desenvolvem uma relação especial com eles, elegendo a “Festa Brava” como símbolo identitário presente numa grande diversidade de rituais taurinos na Europa e na América do Sul. A cultura tauromáquia é situada no campo da luta simbólica face às tentativas de lhe pôr termo, num quadro cultural pouco tolerante quanto à interpretação da relação entre os animais humanos e os animais não humanos propostapelas indústrias culturais.

Palavras-chave: Festas de Toiros, Cultura Tauromáquia, Dominação Cultural.

* Nota dos editores: foi mantida a grafia original do português de Portugal.

¹ Professor Auxiliar no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e investigador no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL). Endereço: ISCTE, Av.ª das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal. Email: luis.capucha@iscte.pt

Abstract

Based on episodes of his life, the author reflects on the significance of the “fiesta” and what wild bulls represent for the “aficionados” and the communities that organize a wide variety of bullfighting rituals in Europe and South America, sharing a special relationship with wild bulls and making of the "Festa Brava" a symbol of their identity. In this paper, the “bullfighting culture” is analyzed in the framework of a struggle against the attempts to stop it, made by the cultural industries, interested on the monopoly of the interpretation of the “good” relationship between humans and other animals.

Key words: Bullfights, ‘Bullfighting Culture’, Cultural Domination.

Introdução

É conhecida a relação especial entre homens e toiros bravos² que dura há pelo menos 50 mil anos. Uma relação que atravessou civilizações até chegar aos nossos dias na forma da “Festa”, nome genérico que se dá ao conjunto de rituais e jogos taurinos que continuam a ser praticados, com lugar de relevo e grande visibilidade, em países como Portugal,

² O Auroch ou Uro, antepassado dos bovinos que hoje conhecemos, era alvo de rituais propiciatórios antes das grandes, e perigosas, caçadas, como atestam pinturas rupestres como as de Altamira. Desde então o toiro foi a forma assumida por diversas divindades até à declaração do cristianismo como religião oficial do Império Romano, o que não retirou ao animal a carga sagrada que, provavelmente, permanece até aos nossos dias, nomeadamente como símbolo de poder e fertilidade (Conrad, 1959).

Espanha e França, na Europa, e Colômbia, Venezuela, México, Peru, Bolívia e Equador, na América Central e do Sul.³

As pessoas que apreciam de forma especial, participam regularmente, compreendem e conhecem com detalhe esses rituais são designadas “aficionadas”. O que leva essas pessoas a manter com os touros uma “relação de culto” (Solis 1995) nos dias de hoje? O que significa ser aficionado e “gostar de touros”?

Creio que há pessoas que se tornaram aficionadas aos touros devido a algum acontecimento ou experiência que as marcou e as ligou afetiva e emocionalmente à “festa”. Mas provavelmente a grande maioria terá herdado essa qualidade na comunidade de origem ou de pertença. É o meu caso. Por isso talvez a minha própria experiência sirva para ilustrar a relação dos aficionados com os touros.⁴

Nascer no meio de símbolos e práticas taurinas

Uma das primeiras recordações que tenho de mim próprio é a de ser levado pelo meu pai junto a umas tranqueiras (estrutura de madeira que separa a parte das ruas da cidade onde são largados touros bravos) para ver uma “espera de touros”⁵ na minha terra, Vila Franca de Xira.⁶

³ Existem referências registadas com algum detalhe de rituais taurinos também no Brasil, na Índia e nos EUA (Maudet, 2010). Para o caso do Brasil ver De Melo (2013).

⁴ Sigo aqui a estratégia expositiva utilizada por Gilberto Velho(2012) para explicar a relação entre padrões e criadas de servir no Brasil.

⁵ As expressões específicas da linguagem taurina utilizadas no texto serão colocadas entre aspas e, quando necessário, serão dados esclarecimentos em nota de rodapé.

⁶ Realizam-se esperas de touros em diversas localidades da margem Sul da Área Metropolitana de Lisboa e em todo o Ribatejo, até à zona da Chamusca (localidade situada nas margens do tejo, já em zona de aluvião, a cerca de 150 Kms da foz). Vila Franca se localiza 30 km a norte de Lisboa, também junto ao rio Tejo, numa zona que, sendo parte da área metropolitana da capital, se situa já dentro da região das planícies e charnecas junto ao rio que se designam Ribatejo.

Realizam-se “Espera de toiros” em Vila Franca pelas festas do Colete Encarnado (duas ou três) em Julho e pela Feira de Outubro (cinco). Em cada espera cinco toiros dão entrada na cidade e atravessam-na por completo até à Praça de Toiros, juntamente com um jogo de cabrestos (conjunto de bois mansos que ajudam a manter os bravos agrupados numa manada) conduzidos em tropel pelos campinos montados a cavalo.⁷ Noutros tempos, de que existe ampla documentação fotográfica e literária, os toiros destinavam-se a ser corridos numa tourada e as ruas onde passavam não tinham vedação. As pessoas iam à “espera dos toiros”, na tentativa de fazer tresmalhar algum que pusesse a terra em estado comparável com a “assembleia efervescente” de que falava Durkheim (1991).

Depois de encerrados na Praça, os toiros são soltos um a um para as ruas e recolhidos aos currais mais ou menos duas horas depois. Ser levado a ver as esperas correspondia a parte do processo pelo qual, como também explicou Durkheim, me estava tornando membro da minha comunidade. Associo essa experiência a correrias, gritos, risos, muita gente a tentar espreitar para o sítio onde tudo se passava, onde estava o toiro, num ambiente quase caótico de tumulto que se mantinha à noite, quando era levado, como os meus irmãos e irmãs, a passear à Feira ou a dar uma volta pela Vila na noite do Colete Encarnado, tentando furar entre a multidão em estado de efusão festiva.

Depois comecei a ir às esperas com os amigos da minha rua. Víamo-las deitados no chão, a espreitar pelo intervalo inferior da tronqueira. Assisti a dezenas de cornadas, algumas com aspeto muito violento e mortais.⁸ Os toiros inspiravam-me medo. O medo que todos os toureiros dizem sentir. Começaram a povoar os meus sonhos, e ainda hoje lá se encontram. Medo e respeito iam juntos com uma dupla

⁷ Os campinos são pastores responsáveis pela criação e vigilância dos toiros bravos no campo, que se vestem com traje próprio nas ocasiões festivas, incluindo um colete encarnado. Daí o nome da festa realizada em sua homenagem em Vila Franca de Xira há mais de 80 anos.

⁸ Escrevi mais tarde que as esperas têm o caráter tumultuário dos rituais de inversão (Da Matta, 1980), exibindo de forma dionisiaca todas as potências vitais, a começar pelo sangue e pela violência, num processo catártico de recriação da horda fundadora presente nas estruturas profundas da natureza humana.

admiração: pela imponência do animal e pela coragem e destreza dos muitos rapazes, alguns dos quais aprendi a conhecer pelo nome e vim a conhecer pessoalmente mais tarde, que desafiavam e venciam a fera, com perícia e inteligência, recortando-a em corridas em linha curva passando-lhes pela cara, às vezes tocando-lhes nos cornos ou no “testus”,⁹ ou enganando-os com um trapo ou um pedaço de papelão em cujo vulto em movimento os animais investiam. Recordo-me também das reações dos que assistiam: as gargalhadas quando alguma coisa caricata se passava (um susto, um tropeção, uma “voltereta”¹⁰ sem consequências), ou quando os rapazes em fuga saltavam para cima do magote das pessoas penduradas nas tranqueiras até onde o toiro os perseguia; o pânico quando o toiro investia e marrava nas tranqueiras ameaçando quebrá-las; e os gritos de alerta perante uma situação perigosa ou de regozijo e incentivo quando uma “sorte”¹¹ era bem conseguida e o susto passava.

Entre os 6 e os 10 anos tenho recordações mais claras. Na rua e no recreio da escola brincávamos aos toiros, nas diversas modalidades que já conhecíamos por as ver nas fotos que enchiam os estabelecimentos de comidas e bebidas da cidade, cujos muros e paredes estavam, como ainda estão, sempre cobertos de cartazes a anunciar corridas de toiros. Umas vezes fazíamos esperas: um era o toiro e os outros desafiavam-no e fugiam. Outras vezes organizavam-se corridas de toiros. Seleccionava-se o toiro e cada um dos outros escolhia qual a “figura” (vedeta profissional do toureio) que queria ser. Os mais preferidos eram os cavaleiros João

⁹ Zona da cabeça do animal situada entre os cornos.

¹⁰ Quando o toiro colhe um ser humano pode ocorrer uma “cornada”, se o corno fere a pessoa com alguma gravidade, um “puntozo” se apenas se produz uma pequena ferida, ou uma “voltereta” se a pessoa é projetado (no ar, para a frente ou contra o chão) sem se produzirem lesões graves (podem acontecer pequenas escoriações ou contusões). A colhida é séria se produzir cornada ou se a voltereta provocar lesões graves.

¹¹ Sorte é mais do que uma noção, um elemento estruturante da cultura tauromáquica, pois significa ao mesmo tempo todo e qualquer gesto praticado com um toiro (a “sorte de varas”, a “sorte de bandarilhas”, o toureio com o capote ou a muleta, a reunião entre o cavalo de tourear e o toiro, as pegas, as passagens em frente do animal, etc.) e a imprevisibilidade absoluta do resultado do encontro entre o toiro e o humano.

Branco Núncio e José Mestre Batista e, entre os matadores de toiros,¹² disputava-se o nome de José Júlio. Mas sempre havia quem quisesse ser Manuel dos Santos ou Mário Coelho. O toiro era sempre pegado: oito rapazes colocavam-se em linha frente ao colega-toiro. O da cara citava o “animal” que investia, o forcado recuava, pegava de caras, seis “ajudavam” e um outro “rabejava”.

Ao contrário de outros jogos de perseguição, em que os mais fortes tendiam a escolher o mais fraco para o papel penoso de perseguir, nas brincadeiras de toiros o que fazia de animal não humano era sempre alguém forte e rápido. Os outros aprendiam a ajudar-se perante o perigo, consolidando uma identidade que então já estava formada enquanto vilafranquenses, logo, como aficionados. Em Vila Franca de Xira (conhecida em Portugal como a “terra dos toiros e dos toureiros” ou como a “Sevilha Portuguesa”), como em muitas outras localidades, a tauromaquia é um fenómeno social total (Mauss, 1989).

Na escola, na área disciplinar das expressões (desenho, pintura, moldagem) os trabalhos tinham como motivo quase invariável cavalos, toiros, campinos, toureiros, forcados,¹³ esperas e a Lezíria do Tejo,

¹² À frente é referida a diferença entre cavaleiros e matadores de toiros. Os toureiros podem ser, além destes, os aprendizes, chamados respetivamente “cavaleiros praticantes” no primeiro caso e “novilheiros” ou “bezerristas” no segundo, e ainda os “peões de brega” ou “bandarilheiros”, que são toureiros profissionais que exercem funções subordinadas de auxílio na lide dos toiros.

¹³ Forcado é o nome que se dá a uma vara bifurcada numa das extremidades, utilizada no maneio de gado no campo. Nas corridas de toiros chamam-se forcados aos jovens que nas “cortesias” (uma apresentação de todos os participantes na corrida com a qual a mesma se inicia) transportam um forcado. Apresentam-se trajados de modo próprio (com sapatos de salto de prateleira, meia branca, calção beije, camisa branca, cinta vermelha, jaqueta com ramagens e barrete verde). Atuam em grupos de oito, depois de lidado a cavalo, colocados em fila frente ao toiro, que é citado a corpo limpo pelo primeiro (o forcado da cara), que o deve trazer “toureado”, recuando na cara do toiro de modo a controlar o melhor momento para o “pegar” colando-se à cabeça, sendo depois ajudado pelos outros sete (o “primeira-ajuda”, dois “segundas ajudas”, um “rabejador” e três “terceiras ajudas”). Por vezes também se pegam toiros “de cernelha”, caso em que apenas dois forcados tratam de imobilizar o toiro, agarrando-se um “à cernelha” ou parte anterior do costado esquerdo, e o outro ao rabo. Neste caso o toiro é previamente “enroupado” por um jogo de “cabrestos” (bois mansos) de modo a permitir a aproximação.

planície de aluvião onde as ganadarias pastavam depois da ceifa dos cereais, para se alimentarem do restolho.

Lezíria essa que se avistava a perder de vista da zona onde eu morava, numa elevação na parte sul da cidade. Daí se pode ver o rio azul riscando a planície, bem como a ponte de cinco arcos que liga a cidade à outra margem do rio, dando acesso ao espaço amplo da campina, onde o toiro imponente e o campino valente encarnavam (e encarnam) um mundo povoado de mitos e de sonhos, no qual o imaginário se perdia entre coisas que sabíamos e outras em que acreditávamos.

Como a lenda da Senhora de Alcamé,¹⁴ Virgem dos campinos; o nome de toiros famosos pela sua raça, força e bravura; os nomes e os feitos dos toureiros, cavaleiros, forcados e campinosque enchiam o panteão dos nossos heróis. Reconhecíamos a desigualdade de classes pelo respeito com que se falava dos lavradores latifundiários, donos das ganadarias que possuíam como símbolo do seu estatuto e poder.

Em Vila Franca a cultura tauromáquica combina de forma articulada aquilo que mais tarde distingi como “tauromaquias populares” e “tauromaquias institucionais” (Capucha 1999). As primeiras consubstanciam-se em rituais muito diversificados realizados na rua, segundo as regras da tradição local, organizadas pelo povo ou pelas autarquias locais. Os protagonistas são o toiro e o “povo” – mesmo que alguns populares se possam destacar a “brincar com os toiros” – e as

¹⁴ Até há algumas décadas atrás (próximas o suficiente para eu ainda ter conhecido essa realidade) os campinos iam para o campo guardar os toiros, junto dos quais permaneciam dia e noite, acompanhados apenas por um cão e pela égua) regressando a casa para ver a família e reabastecer-se de alimento e bebida uma vez por semana ou de quinze em quinze dias. De noite dormiam numa “choupana”, (uma barraca construída em madeira e palha). Reza a lenda que a um campino apareceu uma vez, na sua choupana na zona de “Alcamé”, localizada nos “campos de Vila Franca” – a parte da Lezíria Grande situada em frente à cidade, na margem oposta do rio Tejo – um pequena cobra a quem ele ofereceu leite. Daí para a frente todas as tardes, ao anoitecer, o campinho assobiava e a cobra vinha ter come ele para beber o leite. Um dia o campino foi deslocado para outra região e só regressou ao local muitos anos mais tarde. Aí chegado associou e apareceu uma cobra enorme que o atacou. O campino acabou por ser salvo por “Nossa Senhora”, aparecida por milagre. No local ergue-se uma capela onde se guarda e venera uma imagem da santa, com a cobra aos pés. A capela é local de romaria e em tempos foi palco de “bênçãos” do gado.

inovações decorrem do modo como as estruturas económicas e sociais locais evoluem. A Festa é, como muitos outros rituais, uma metáfora das hierarquias que estruturam a sociedade “normal”, regularmente suspensas ou invertidas durante o ritual taurino, momento de escape das tensões acumuladas no quotidiano. As esperas de toiros e as tauromaquias populares em geral recordam a igualdade subjacente à natureza dos homens (o animal não distingue classes, que se misturam na festa), sem contudo deixar de conter o momento em que os campinos, no alto das suas montadas, conduzem a manada em devida ordem.¹⁵

As tauromaquias institucionais correspondem às “corridas de toiros”. Estas assumem basicamente três formas: a corrida Camarguesa, em França, de que não nos ocuparemos aqui; a corrida andaluza, em que atuam “matadores de toiros” para lidar os toiros a pé, com capote e muleta, e (exceto em Portugal) dar-lhes morte com uma estocada no fim da lide, auxiliados pelas suas quadrilhas de peões de brega ou bandarilheiros, picadores e moços de espadas; e a tourada à portuguesa, na qual atuam cavaleiros (também auxiliados por peões de brega) lidando e bandarilhando os toiros que, no fim, são pegados de caras pelos forcados. Os toiros saem em hastes limpas no toureio a pé e com os cornos protegidos por uma “emboladura” na tourada a cavalo. Em Portugal há ainda corridas mistas, combinando as duas modalidades.

As corridas de toiros enfatizam as diferenças sociais, a divisão do trabalho e o poder que estrutura o dia-a-dia das pessoas. O estado exerce o poder regulador, por via do Diretor de Corrida nomeado pelo governo com o fim de assegurar o cumprimento do Regulamento Taurino, que uniformiza os procedimentos rituais. As touradas realizam-se num espaço especializado no qual se entra mediante o pagamento de um bilhete, e no qual o público está claramente separado dos profissionais (os forcados atuam gratuitamente, exaltando os valores do desprendimento e do arrojo sem interesse na recompensa material, mas são considerados “cabeças de cartaz”, isto é, integram o elenco dos atuantes em posição equivalente à dos cavaleiros e dos matadores de toiros) que trajam cerimonialmente para a ocasião e se organizam

¹⁵ Todas as tauromaquias populares possuem algum momento em que a hierarquia e separação de funções é evocada. No caso das esperas é principalmente a atuação dos campinos, noutros casos esse momento assume outra forma.

segundouma hierarquia rígida: os mais antigos atuam primeiro que os mais recentes; os bandarilheiros e moços de espadas obedecem estritamente às ordens do matador ou do cavaleiro; para se chegar a essas categorias passa-se pelas de “novilheiro” ou “cavaleiro praticante” até se provar possuir o domínio das técnicas e da ética como nas profissões artesanais; cada um tem a sua função no “mundilho”, desde o ganadero aos toureiros, aos críticos da especialidade, aos empresários, aos moços de arena, aos apoderados (gestores artísticos dos toureiros), aos moços de curros e ao pessoal da praça. As principais mudanças ocorrem por força da Lei ou da inovação no campo profissional. As corridas formais são rituais ordenados que não deixam de conter, também, o momento da “desordem final, a “hora da verdade” em que a morte do toiro-vítima, o mesmo toiro que luta até ao fim pela vida, se afirma irredutível, destino “natural” do ser-natureza que se fez cultura por via dos valores nele projetados e do modo como foi criado com vista ao fim sacrificial, ao qual chega, como todas as vítimas sacrificiais, “puro”,¹⁶ isto é, isento de contacto com os homens.

As tauromaquias populares remetem para a identidade das comunidades que as praticam, as tauromaquias institucionais, ou formais, remetem para a identidade nacional. Uma constitui o lado comunitário e tumultuoso de uma moeda que tem na outra face o lado domesticado e submetido ao poder do estado de uma cultura

¹⁶ Um toiro “puro” é aquele que nunca antes saiu a uma praça ou a uma rua, sendo os campinos e os ganaderos os únicos humanos com que contactou ao longo dos anos de vida em que é criado para o fim único de ser corrido. O toiro aprende e o seu comportamento difere substancialmente se tiver já sido toureado. Correr toiros “corridos”, isto é, “não-puros”, corresponde a uma corruptela do espetáculo taurino, que era porém comum no passado. Por exemplo, um anúncio publicado no “Diário do Rio de Janeiro” de 11 de Janeiro de 1850 publicitava o seguinte: “Praça de Touros. Domingo, 20 do corrente, (se o tempo o permitir), haverá uma extraordinária corrida de touros novos, sendo tudo a corno descoberto”. O termo “novos” releva da distinção entre os corridos que se lidariam enquanto o “refrescamento” com puros, num local onde não se criavam toiros de lide, não se processasse. No fim do século XIX em Espanha e no início do século XX em Portugal as figuras do toureio conseguiram impor a regra dos toiros puros em todas as corridas formais.

popular.¹⁷Umas aproximam-se dos “rituais de inversão”, as outras dos “rituais de reforço” (Da Matta, 1980).

As minhas primeiras experiências taurinas e as dos meus amigos não se limitavam, com o avanço da idade, a participar, de fora, nas esperas de toiros. Nos dias de corrida marcávamos presença, às centenas, à porta da praça de toiros, a tentar a sorte de alguém nos pegar e levar consigo lá para dentro. Sorte que apenas me tocou uma vez. Havia uma alternativa: saltar um muro das traseiras, ação ousada e perigosa que nunca tentei mas muitos outros realizaram, por vezes com sucesso. Não se aprendia apenas a valorizar os objetos e os rituais identificadores da cultura local e a respeitar as regras sociais dominantes. Também se aprendia que às vezes é preciso burlá-las, como se burlam os toiros. “En el mundo todo se torea”, disse Juan Belmonte, um dos nomes de culto da história da tauromaquia mundial!

Frequentava com constância a casa de um vizinho que era peão de brega, Carlos Falcão. Tinha um filho da minha idade de quem conservo a amizade, e a casa de um (e de alguns mais), tinha as portas abertas ao outro. Podia assim tocar os “capotes de tourear”, os “capotes de passeio”, os “trajes de luzes”, as “monteras”, “estoques” e “puntilhas”, “coletas” e “bandarilhas”, sapatilhas, meias e imagens de santos a quem os toureiros rezam em dia de corrida, objetos mágicos, peças sagradas ali ao nosso alcance.¹⁸E dele ouvia histórias não só dos toureiros da terra, e dos outros portugueses, mas também dos Espanhóis e dos Mexicanos. O mundo era maior do que o amplo olhar sobre a Lezíria permitia alcançar.

¹⁷ Adotando-se aqui a conotação de “cultura popular” como sistemas de produção de sentido, maneiras de ser, pensar e fazer, distintas da indústria cultural de massas e da cultura cultivada das elites.

¹⁸ Para uma descrição destes “artefactos”, entre outros, “en.wikipedia.org/traje_de_luces” e “tourada-portugal.blogspot.pt/2013/11/0-traje-de-cavaleiro-tauromaquico-e-sua-7.html”. A wikipedia – tourada contém bastante informação factual sobre instrumentos, modalidade e “trastes” de tourear. Qualquer pesquisa na internet com as “palavras” capote de tourear e muleta permitem aceder a informação sobre a respetiva configuração e materiais de fabricação.

Quando terminei o primeiro ciclo do ensino básico fui estudar para Lisboa. Tinha de me deslocar todos os dias cerca de 30 Km de comboio, porque na minha terra não havia liceu público e a minha família não podia suportar os custos do colégio privado. Confirmei a lição: o mundo era, de facto, muito maior do que eu teria podido alcançar desde as colinas de Vila Franca.

Senti, com consciência disso, o que significava a expressão “pluralismo” identitário (Berger & Luckman 2004). Lisboa era e é também uma cidade com atividade taurina intensa. Lá se situa a principal Praça de Toiros do país, a que dá maior número de corridas (todas as semanas de Maio a Outubro), lá nasceram algumas figuras da tauromaquia, era de lá um dos melhores grupos de forcados, que integrava alguns elementos de Vila Franca, amigos dos meus irmãos mais velhos, que eu conhecia bem. Em Lisboa tinham e têm a sua sede algumas das principais associações da elite dos aficionados e também as associações de classe dos profissionais. Tudo isso eu sabia, mas o mundo mágico do toiro não predominava, como em Vila Franca. O contexto em que me situava girava agora em torno do Liceu Passos Manuel.

Aprendi a viver com uma espécie de tripla identidade. No Passos Manuel eu era de Vila Franca, a terra de toiros e toureiros, era um aluno que integrava a equipa de andebol que representava a escola, e era o “Chegas”, alcunha pela qual todos me conheciam, depois duma discussão com um professor de Religião e Moral, em que me assumira defensor de “Che Guevara”, de quem os meus colegas, em tempos de ditadura, nunca tinham ouvido falar. Os meus irmãos mais velhos, militantes anti-fascistas, e o ambiente de Vila Franca, berço do neo-realismo português e terra de alguns dos escritores que melhor o representaram, como Alves Redol (aliás, primo do matador de toiros José Júlio), cidade várias vezes vítima de cargas policiais sobre manifestações políticas e alvo de razias de aprisionamentos por parte da polícia política, iam-me familiarizando com a política. Ser aficionado é, notei-o desde esse tempo, uma condição social, mas não exclusivista. Pode conviver com muitas outras referências de identidade.

Passéi entre os 10 e os 15 anos tanto tempo em Lisboa como em Vila Franca. Aqui voltavam as brincadeiras aos toiros. Mas nessa altura, com os outros rapazes, comecei a pisar os terrenos de dentro das tranqueiras nas esperas, embora fosse dos que sempre mantiveram uma

prudente distância do animal, fugindo com a necessária antecedência quando ele se aproximava. A atração era porém irresistível. Quanto mais perto do toiro, melhor, maior a sensação eufórica que torna as terras com festas de toiros particularmente predispostas para práticas hedonísticas. Cada terra tem a sua “taxa de hedonismo” (Capucha 2003), que se pode medir pela frequência e intensidade das festas, do mesmo modo que cada sociedade tem a sua taxa de suicídio ou a sua taxa estrutural de emprego feminino, ou de pobreza. Vila Franca era e é particularmente dada a festas, taurinas e muitas outras. Descobri depois que as outras terras em que os toiros saem à rua, provocando a suspensão das normas e regras quotidianas e substituindo-as pelas do rito, anulando hierarquias invertendo estatutos recriando o caos original da condição igualitária dos homens, substituindo a ordem pelo tumulto, instaurando o princípio da diversão e do excesso, desenvolvem identidades fortemente marcadas pelo hedonismo.

Ser aficionado é, assim, também, apreciar e valorizar particularmente o lado hedonístico e emotivo da vida. O toiro é o catalisador que desperta os sentidos da festa.

Nas férias, José Falcão, sobrinho do meu vizinho Carlos, vinha com frequência ao meu bairro. Era já matador de toiros residente em Salamanca e as suas proezas, algumas quase épicas, bem como a sua simpatia, tornaram-no uma das figuras mais populares e queridas da terra, que chorou em catarse coletiva o dia 11 de Agosto de 1974, em que um toiro de nome Curchareto (pois Curchareta era o nome da mãe), de Concha y Sierra, lhe ceifou a vida na Monumental Praça de Toiros de Barcelona. Mas esse dia fatídico ainda estava distante quando ele chegava ao bairro com uma Peugeot – o seu “carro de quadrilhas”¹⁹ –, que

¹⁹ Uma quadrilha é o conjunto de profissionais formado por um cavaleiro, os seus peões de brega, moços de estrebaria e moço-de-espadas, ou por um matador de toiros e os seus peões de brega, picadores e moços de espadas. Os cavaleiros e matadores de toiros são os principais protagonistas, ou “cabeças de cartaz”, na lide dos toiros. São auxiliados pelos moços de espadas no cerimonial de se “vestirem de toureiros” e pelos peões de brega na lide do toiro, incluindo, no toureio a pé, a cravagem das bandarilhas. Os moços de estrebaria tratam dos cavalos. Os picadores são responsáveis pela “sorte de varas”, consistente em picar os toiros, montando um cavalo protegido, com vista a aquilatar da sua bravura e “temperamento” ou características específicas. Normalmente, cada matador de toiros faz-se acompanhar por três peões de brega e dois picadores, um moço de

carregava de miúdos e os levava a todos para as piscinas. O corpo daquele toureiro sulcado por cicatrizes de cornadas impressionava-nos e davam-nos uma ideia da dimensão da valentia e da capacidade daquele homem.

Aprendíamos assim que heróis são aqueles que fazem o que o comum dos mortais admira, mas não é capaz de fazer. As cicatrizes atestavam que não se tratava de um homem comum. O medo, já sabíamos o que era. O preço da superação do medo, calculávamo-lo através das cicatrizes dos toureiros. O toiro tornava-se cada vez mais um animal contraditório: o inimigo que tira a vida e o cúmplice do ritual sacrificial; a besta que inspira medo e o ser poderoso que provoca admiração e respeito.

Os tempos de férias eram então tempos de ir à piscina, de nadar no Tejo, de brincar aos toiros e jogar à bola. Era também tempo das espreitadelas furtivas por entre os estores do restaurante onde José Júlio jantava com uma das mulheres mais conhecidas e bonitas da televisão portuguesa. E de olhar com admiração Mestre Batista no Café “O Tareco”, local de reunião dos aficionados jovens, quase todos forcados, situado ao pé do “Café Central”, local de reunião da nata dos aficionados mais velhos e dos ganaderos.

Comecei assim a aperceber-me das clivagens e oposições estruturadas na comunidade de que a tauromaquia é uma metáfora, como vimos atrás.

Em 1971 abriu em Vila Franca de Xira um liceu público. Aconteceu a meio do ano letivo, pelo que só no ano de 1972 fiz a minha transferência do Passos Manuel para Vila Franca, onde concluí o ensino secundário. Por essa altura os jovens da minha terra seguiam um de quatro caminhos principais em termos das suas sociabilidades: ou aderiam aos Bombeiros Voluntários, ou frequentavam o Ateneu Artístico e tocavam na sua banda de música, ou se juntavam ao grupo de forcados uns e à escola de toureio do mestre Cadório, outros, ou se inscreviam na União Desportiva Vilafranquense (UDV) para jogar futebol (embora existissem outras modalidades complementares, como a ginástica e a natação, ou de minorias, como o Hóquei em Patins). Outros

espadas e um ajudante do moço de espadas (que ajuda a vestir os bandarilheiros e a transportar o material). Os cavaleiros são coadjuvados por dois peões de brega, um moço de espadas e um moço de estrebaria.

ainda acumulavam, como foi o caso de Vitor Mendes, trompete na Banda do Ateneu que frequentou a escola de toureio, se fez bandarilheiro e depois matador de toiros, com uma carreira notável de 15 anos como uma das máximas figuras do toureio mundial. Por mim, segui a via modesta do futebol. Mas todos se encontravam e continuam a encontrar, se a saúde não o impedir, ocasionalmente na rua e impreterivelmente nas esperas de toiros.²⁰

Para além das atividades desportivas, a UDV tinha herdado de uma coletividade que a polícia política encerrara no passado uma biblioteca popular e uma secção cultural de que Alves Redol tinha sido um dos fundadores e grande impulsionador. Alves Redol dedicou algumas páginas literárias à tauromaquia, à qual era aficionado, tal como muitos outros escritores e pintores neo-realistas portugueses, e como muitos militantes democratas herdeiros da velha tradição republicana, particularmente adeptos do toureio a pé, que na sua perspetiva representa uma visão mais “à esquerda”, projetada no homem do povo que conquista glória e riqueza pelo seu valor pessoal, em oposição ao cavaleiro, cuja condição é essencialmente herdada do estatuto aristocrático ou latifundiário de nascença.

A secção cultural da UDV era então um centro de resistência ao fascismo frequentado por intelectuais de todo o país que participavam nos debates, exhibições de filmes que não passavam nos circuitos comerciais e crítica literária que, só por ser crítica e literária, já motivava a perseguição política. A secção cultural chegou a ser encerrada pela Polícia política que confiscou todos os livros cujos autores constavam de um índice. Deixaram ficar os que tinham por autor um tal “Vladimir Ilich Ulianov”, que não vinha na lista, episódio que passou a constar do anedotário local. Nesta época formaram-se outras estruturas de atividade política e cultural. Frequentava-as regularmente quando se deu a Revolução do 25 de Abril de 1974.

A Festa foi, como toda a sociedade, atravessada por intensas lutas de classes, de partidos, de interesses, de projetos de futuro. Uma parte das pessoas ligada aos toiros tinha posições conservadoras e se trago

²⁰ Nos meus 57 anos de vida só me recordo de ter faltado a uma Festa do Colete Encarnado quando cumpria serviço militar, aos 22 anos, por me encontrar sob prisão no quartel.

estes assuntos aqui é porque, a determinada altura, a imagem que passava era a da tauromaquia como reservatório de posições conservadoras ou reacionárias. Essa representação releva do facto dos toiros, elementos centrais da Festa, representarem os seus criadores, os ganaderos (agricultores latifundiários), pessoas respeitadas e com grande influência no campo profissional da tauromaquia (“o mundilho”), geralmente conservadores do ponto de vista ideológico e político, ao passo que os cavaleiros evocam com frequência os valores reacionários da nobreza cavaleiresca.²¹ Por outro lado, os aficionados com posições políticas à esquerda preferiam, como vimos, o toureio a pé. O toiro representa pois o poder dos senhores da terra, que invade a cidade, mas que esta acaba por vencer, era a minha percepção na altura. De qualquer forma, estas oposições revelavam que as cores políticas e os interesses sociais se colavam à Festa que, em si, não os tem. O toiro investe com agressividade sem distinguir classes ou partidos, sendo apenas vencido pela inteligência e pela cooperação entre os homens, tornados iguais no caso das tauromaquias populares, estritamente hierarquizados nas tauromaquias “institucionais”.

Terei por essa altura, provavelmente (alguns amigos recordam-me isso agora), tomado posição contra certas práticas e agentes da Festa. Mas lembro-me de continuar a frequentar praças de toiros (trabalhava desde os 17 anos, quando terminei o secundário, podendo assim sustentar esse gosto). E lembro-me, principalmente, do regresso da repressão policial a Vila Franca, mais brutal do que a que alguma vez tinha testemunhado em manifestações do 1º de Maio ou no funeral de Alves Redol.

²¹ Tal não significa que os cavaleiros estejam necessariamente vinculados, do ponto de vista pessoal, a tais valores e às ideologias em que se inscrevem. Já quanto à relação entre o ganadero e o toiro que o representa e em nome de quem é corrido, vale a pena referir que, segundo o ideário taurino, o toiro “sai ao seu criador”, na medida em que o ganadero, por meio dos critérios através do qual seleciona as vacas reprodutoras e os sementais, imprime a sua personalidade às características dos animais que cria.

Aproveitando a turbulência política que se seguiu ao 25 de Abril, que abriu todas as portas, organizou-se em Portugal um movimento “pró-toiros de morte”. A reivindicação era antiga, desde que nos finais dos anos 1920 e início dos anos 1930 se tinham realizado as últimas corridas ditas “integrais (na modalidade de toureio a pé, com sorte de varas e morte do toiro na arena). Estava ainda fresca a memória a corrida com toiros de Palha Blanco (os “terríficos” Palhas, temidos em todo o mundo), autoridade senhorial de Vila Franca²² que apenas permitia, nessa altura, que os seus toiros fossem lidados em hastes limpas, portanto, em Espanha. Em 1927 realizou-se na Praça de Toiros de Vila Franca de Xira, à qual foi dado em 1901, ano da inauguração, o nome desse ganadero, uma corrida integral e “de verdade” (isto é, que não omite a “hora da verdade”). Um painel de fotografias no claustro principal da Praça recorda essa corrida, sinal da persistência da vontade de restaurar a corrida integral, reivindicada por várias associações e clubes pró-toiros de morte existentes nas principais localidades taurinas de Portugal.

Em todos os outros países do mundo os toiros são mortos na arena, mesmo nas corridas a cavalo, chamadas em Espanha de “rejoneio”, nome derivado do “rojão”, espécie de espada com que se mata o toiro montando a cavalo. Em 1974 a prática de matar toiros a cavalo tinha desaparecido das arenas portuguesas desde há mais de um século. O alanceamento de toiros foi sendo substituído pela cada vez mais popular sorte de pegar os toiros de caras. Anos mais tarde, na minha pesquisa, descobri que esta sorte é um equivalente funcional da morte real do toiro. Este é radicalmente distinguido dos mansos, há séculos,²³ pela bravura, que consiste na combatividade persistente mesmo

²² Como salientam Conrad (1959), Solis (1995) ou Teixeira (1994), o toiro simboliza o poder. Neste caso, o poder do latifúndio. No Brasil, as corridas formais que foram frequentes pelo menos no Rio de Janeiro, no período colonial e até meados do século XIX, realizavam-se, segundo o autor, para exaltar o poder da casa real portuguesa ou da aristocracia colonial e depois para celebrar o “Grito do Ipiranga” (De Melo 2013). Desapareceram depois, mais por “decadência” interna – falta de qualidade dos eventos – do que por decisão externa.

²³ No foral de Vila Franca, no século XII, há referência explícita à distinção entre os toiros bravos e os mansos. A mesma distinção é feita por Moisés Espírito Santo (1988) que transcreve um episódio descrito nos registos do Bispado de Santarém no Séc. XVI. O Bispo proibiu as corridas durante as Festas do Espírito Santo, nas quais

quando o encontro com o inimigo se apresenta fatalmente desfavorável. Como aludimos acima, o touro luta até morrer, sempre a tentar matar. Escreveu Fernando Teixeira (1994:105) que “Sem dúvida o touro é a vítima mais frequente, mas quem lhe conhece o olhar do momento do ataque sabe que aquela agressividade geneticamente impressa naquele e só naquele animal se assemelha a um destino implacável que termina infalivelmente na morte súbita e violenta”. Aliás, boa parte das cornadas mortais e mais violentas sofridas por toureiros aconteceram quando os touros já estavam feridos de morte.

Nas corridas em Portugal os touros não são mortos em público, no sentido literal. Porém, um touro dominado pelos oito jovens que o pegam e o param completamente, derrotando-o, acaba por perder o atributo que o distingue, a insubmissão. Por isso se diz, metaforicamente, que se os forcados não são capazes de pegar um touro, este vai “vivo ao curral”. Também na lide a pé a “sorte de matar” é formalmente simulada, não fosse a arte da simulação um atributo tão profundo da cultura portuguesa.

Vale a pena determo-nos um pouco sobre o tópico do “sacrifício taurino”, dado ser ele o principal motivo pelo qual a Festa é acusada de agressividade e violência gratuita. No centro da questão está a relação entre o homem e os outros animais. “Aparentemente, quanto mais as pessoas se distanciam da sua própria natureza – por força dos modos de vida urbanos nos quais a relação com a natureza é fortemente mediada pelas tecnologias e por estruturas sociais e territoriais hiperbolicamente artificiais – mais projetam nos animais que adotam para companhia os

os “Homens-Bons” de várias localidades eram obrigados anualmente a sacrificar um touro bravo cuja carne seria servida em bodo aos pobres (comer carne de bovino era impraticável noutras circunstâncias). A Eminência, impressionada com a violência das festas, durante os quais morriam pessoas e outras ficavam estropiadas, o que ele considerava manifestações de incivilidade, proibiu-as. Os “Homens-Bons” de todas as localidades reclamaram, manifestando temor pelo incumprimento do seu dever sagrado de propiciar o bodo aos pobres. O Bispo anuiu a que os bodos se realizassem, mas com o sacrifício de bois de raça mansa. Acontece que a carne desses bois “desaparecia misteriosamente” durante a noite, conforme atestam os relatórios dos vedores enviados pelo próprio Bispo para ver o que se passava e vigiar a carne do animal sacrificado. O Bispo foi então obrigado a anular a proibição de se correrem, matarem e depois comerem touros bravos.

seus sentimentos e emoções” (Capucha 2002:28), contraditando aquilo que eles são naturalmente. Entre os aficionados, inversamente, são as qualidades atribuídas aos animais-natureza que se projetam nas práticas culturais, sendo a cumplicidade entre homens e animais assente numa percepção irreduzível entre a natureza de uns e de outros. Entre essas várias qualidades estão o potencial genesiaco e o poder. Para autores como Pedro Romero de Solís (1995), na atribuição dessas qualidades reside a razão dos sacrifícios taurinos, entendidos como imolação pública de um animal totémico “puro” no decurso de um ritual cerimonial (Wolf 2003) que visa a apropriação das suas qualidades. Mata-se para comer a carne sagrada do “deus de combate”, num jogo radical de vida e a morte. Daí o medo e a euforia presentes nas festas de toiros, como já referimos.

Regressamos a Vila Franca e ao ano de 1976. Nesta localidade, como noutras, a proibição das corridas de toiros integrais foi sempre incompreendida e sentida como uma injustiça. Assim, quando o contexto de mudança gerado com a Revolução o permitiu, toureiros e outros profissionais vilafraquenses organizaram várias corridas com toiros de morte na margem esquerda do Guadiana,²⁴ onde a morte do animal com o fim de propiciar bodos ainda se mantém clandestinamente em muitas localidades.

Por outro lado, a morte de José Falcão deu origem a um movimento da população que desembocou na criação de um grande número de “Tertúlias Taurinas”²⁵ que, junto com os toureiros, desenvolveram várias iniciativas, entre as quais a criação do “Clube Taurino Vilafranquense”, da “Escola de Toureio José Falcão” e a construção de um monumento ao campino no centro da cidade. Foi esse

²⁴ Região do Sudoeste de Portugal situada entre o troço do rio Guadiana em território português, no Alentejo, e a fronteira com Espanha.

²⁵ Grupos de amigos que se reúnem numa sede (uma garagem, um rés-do-chão, um anexo de uma casa ou outro local semelhante) decorada profusamente com motivos tauromáquicos, para fins conviviais e gastronómicos ou para organizar a sua participação coletiva na vida da comunidade. De pouco mais de duas dezenas em 1974 são hoje perto de uma centena as associações informais desse tipo existentes na cidade. O autor faz parte de uma localizada no rés-do-chão da casa em que habita.

movimento que em Setembro de 1976 organizou um “Festival”²⁶ taurino com o fim de angariar fundos para financiar a construção do mausoléu a José Falcão. Atuaram dois cavaleiros, o grupo de forcados da cidade, três matadores de toiros e um novilheiro. Os matadores de toiros e o novilheiro “estoquearam”²⁷ os seus oponentes, como se tinha previamente combinado. O “Diretor de Corrida”, representante do Estado, abandonou a Praça tendo sido substituído pelo cavaleiro tauromáquico José Mestre Batista.

O Festival resultou num grande sucesso. De tal modo que encorajou um grupo de toureiros e aficionados a montar uma corrida integral no ano seguinte, na qual atuaram os vilafranquenses José Júlio e António de Portugal, acompanhados do Venezuelano “Rayito de Venezuela”, perante uma corrida “concurso de ganadarias”²⁸. A Praça esgotou a lotação com muita antecedência, ansiosas que estavam as pessoas por alcançar o objetivo de poderem assistir a corridas integrais na sua terra. A corrida foi triunfal. Mas às portas da cidade a “Polícia de Choque” aguardava ordens para avançar e fazer cumprir uma ordem de prisão contra os toureiros. Dois deles foram mesmo presos e, perante a revolta da população, assistiu-se a uma verdadeira batalha campal nas

²⁶ Trata-se de uma corrida de toiros com fins humanitários na qual os profissionais, atuando gratuitamente, se vestem com “traje curto” em vez dos tradicionais Trajes de Luzes dos toureiros a pé e dos Trajes à Luís XV usados pelos cavaleiros portugueses nas corridas formais.

²⁷ Isto é, mataram com o “estoque”, a espada de matar utilizada pelos toureiros. O estoque deve penetrar uma zona precisa do toiro, a “cruz”, situada na parte dianteira do tronco do animal, na perpendicular dos membros inferiores. A sorte de matar é particularmente perigosa para o toureiro, porque é o único momento em que o toiro é levado pelo engano da muleta sem que o toureiro, seguindo o movimento da espada, possa ver onde coloca a cara. Seria descabido, por razões de espaço, embora muito interessante, refletir sobre a carga simbólica que existe no momento culminante do sacrifício do deus-toiro, preparado toda a vida para cumprir esse destino em benefício da comunhão entre os homens, relacionando-a com o local da morte, a cruz do toiro, e a técnica obrigatória utilizada pelo toureiro, que com ele tem de “se cruzar”, levando-o com a muleta colocada na mão esquerda a passar pela sua direita, em cuja mão empunha o estoque de matar.

²⁸ Em vez de todos os toiros pertencerem a uma única ganadaria, como de costume, cada toiro provém de um ganadero, estando em disputa prémios para a bravura e apresentação.

ruas da cidade. As pessoas defenderam-se como podiam, arremessando objetos das janelas e de onde pudessem atingir os agressores, mas a brutalidade policial acabou por assegurar que os dois matadores fossem a julgamento no dia seguinte em Lisboa. A luta pelos toiros de morte voltou ao estado larvar até ao reacendimento no início do século XXI com o “caso de Barrancos” (Capucha 2003).

Política e divergências à parte, todos os vilafranquenses sentiram a agressão como um ataque aos seus direitos uma vez mais negados, desta vez pelo estado democrático. Para mim, consolidou-se a ideia, até então de contornos imprecisos, de que era redutor classificar a festa de toiros como conservadora ou progressista, de esquerda ou direita. Mais tarde, a partir do contacto e das aprendizagens sobre “culturas populares” com António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro, meus professores na Universidade que nessa altura estudavam ofado no bairro de Alfama (Costa e Guerreiro 1984), essa sensação reforçou-se: a festa de toiros é irreduzível a etiquetas simplistas, dada a plasticidade da sua estrutura de sentidos, que lhe permite a apropriação por parte de interesses diferentes, antagónicos até, em diferentes momentos no tempo e na diversidade dos espaços que ocupa. É uma linguagem na qual os interesses se expressam, e não a expressão desses interesses.

Ser aficionado é, então, um atributo independente de outros, como a classe, a idade, a orientação política ou o género. Também não é uma essência, mas um devir, um processo de construção de uma identidade relacionalmente adquirida.

A tauromaquia como objeto de estudo

A minha formação como aficionado ocorre de modo semelhante à de milhões de pessoas de todo o mundo. Mas cada um tem um percurso singular.

No meu caso, amadureci rodeado de toiros. Entretanto progredi na vida profissional e com isso, entre outras coisas, passei a ir com frequência a Espanha (mais tarde também, ocasionalmente, a França) ver toiros. Madrid, Sevilha, Badajoz e Mérida eram cidades visitadas com frequência, mas para ir a corridas que me interessavam noutras localidades, dei a volta à “piel de toro”. Em Portugal passei a não faltar a

nenhuma corrida em Vila Franca e a frequentar muitas praças de toiros, especialmente em aldeias ou pequenas cidades de província que ostentam o gosto pela Festa como emblema.

Mas a minha vida mudou também por outra razão: com o fim da militância política veio o tempo disponível para voltar a estudar. Ingressei como trabalhador-estudante no curso de Sociologia do ISCTE, em Lisboa. Sempre que podia encaminhava os meus trabalhos académicos para estudos sobre Vila Franca de Xira e o seu concelho²⁹. Terminei o curso com uma monografia que tratava de reunir as peças do puzzle que fui construindo sobre o “caso” da minha cidade, tratando-o na perspectiva do papel da identidade local nos processos de desenvolvimento da região. Terminei o curso e entrei por concurso nos quadros da Universidade onde ainda permaneço.

Julgo ter aprendido a distanciar-me da visão etnocêntrica com o auxílio da teoria sociológica. Mas não podia deixar de ser um vilafranquense, nem que quisesse. Os meus interesses de pesquisa viraram-se para os temas da pobreza, das políticas sociais, do emprego e da educação e para as metodologias de planeamento e avaliação. Mas ser aficionado é trazer consigo uma paixão da qual não se consegue (pelo menos não imagino como) escapar.

Assim, a minha relação com a festa mudou em dois sentidos. Em Vila Franca era empurrado para o papel do “intelectual orgânico” e dirigente associativo. O estatuto académico adquirido era agora cobrado pela comunidade. Fui eleito para a Direção do “Clube Taurino Vilafranquense”, do qual fui vários anos Presidente e Presidente da Assembleia Geral. Pus em marcha a “Escola de Toureio José Falcão” e consegui, com outros, assegurar a sua sustentação pelo município. Ainda com o município criei a “Semana da Cultura Tauromáquica”, precursora de muitos eventos do género que se generalizaram no país. Organizei e participei em exposições, debates, colóquios, homenagens, publicações.

²⁹ Em “sociologia urbana” estudei as mudanças territoriais e a urbanização do velho concelho primeiro rural e depois industrial; em “sociologia do trabalho” os operários metalúrgicos e as suas culturas profissionais; em “história do movimento operário e do socialismo” a fundação do Partido Comunista Português e o movimento neo-realista; em “sociologia da cultura” as tertúlias taurinas e a festa de toiros em Vila Franca; em “sociologia do desenvolvimento” as culturas populares e o desenvolvimento, etc.

Penetrei no espaço fechado dos profissionais do toiro, da crítica, das ganadarias, dos toureiros, dos empresários, podendo assim observar melhor e com muito detalhe comportamentos, atitudes, valores, interesses, papéis e relacionamentos no “mundilho”.

Consegui um financiamento para aprofundar o estudo da relação entre a identidade cultural das comunidades fortemente marcadas pela *afición* à Festa Brava e as atitudes face à modernização e ao desenvolvimento. A minha tese era a de que a cultura taurina, pelo menos nalgumas circunstâncias, favorecia a abertura à mudança. Um livro de Enrique Gil Calvo (1989), *Función de Toros*, juntamente com a percepção que tinha da existência de uma relação entre certos valores taurinos (como a solidariedade e o sentido de risco calculado) e os valores da modernidade eram os meus fundamentos. Dizia Gil Calvo que a festa de toiros constitui uma representação simbólica de muitas dimensões da sociedade espanhola, desde a sexualidade até à relação entre o campo e a cidade. Mas principalmente escrevia que a transição da tauromaquia cavalheiresca para a tauromaquia a pé, ocorrida com a codificação e expansão em todo o mundo taurino da corrida de toiros cujo protótipo se desenvolvera na Andaluzia– e depois se expandiu num processo que Frédéric Saumade (1998) designou de “imperialismo andaluz” –, representava na sociedade espanhola, marcada pela iliteracia, o que os escritos iluministas representaram em França: o meio de divulgação dos valores modernos da individualidade e da possibilidade de promoção social através do esforço e do mérito.

Com essa tese na mala percorri toda a Península Ibérica filmando e fotografando rituais taurinos,³⁰ entrevistando pessoas, observando os contextos em que eles decorriam. Ofereceu-se-me um panorama em caleidoscópio: sempre o mesmo elemento (o toiro) a unir um universo

³⁰ Francisco Flores Arroyuelo (1999) e Alvarez de Miranda (1998) veem neles um processo evolutivo que vai dos rituais de natureza cinagética até à corrida andaluza, passando pelos rituais nupciais, pela tauromaquia rural etnográfica (Teixeira, 1994) tumultuária e popular e pelo toureio cavalheiresco. Na verdade, todos estes tipos de festas de toiros coexistem, provavelmente há séculos, pelo menos no território Peninsular e nos países para onde Portugal e Espanha os exportaram. No caso do Brasil, Maudet (2010) assinala o rodeo crioulo (tradição gaúcha oposta à modernidade Yankee do rodeo americano), as Farras do Boi em Santa Catarina e o Bumba meu Boi.

comunicacional que assume uma surpreendente variedade de formas, relacionáveis com o contexto histórico, cultural, económico e social de cada local onde há festa. A festa é um espelho das comunidades que a vivem e por ela se expressam (Capucha 1994; 1995).

Já aqui falámos da distinção entre as tauromaquias “institucionais” e as tauromaquias populares. À primeira vista, as primeiras obedecem a códigos precisos e a padrões mais ou menos rígidos. Mas um olhar mais atento mostra como cada Praça de Touros tem a sua idiossincrasia e uma corrida pode proporcionar uma experiência totalmente diferente de uma outra noutro sítio. O silêncio solene de Sevilha contrasta com a intervenção ruidosa do público de Madrid, que por sua vez não tem paralelo com o ambiente de euforia em Pamplona, a severidade de Bilbao ou Salamanca, a ingenuidade de Lisboa ou o envolvimento em Vila Franca de Xira. Há até rivalidades entre as Praças. E rivalidades entre toureiros e adeptos de toureiros, geralmente baseadas em questões de “estilo” artístico (ou de “corte toureiro”, como se diz na gíria), o qual varia consideravelmente dentro do que, aos olhos de um leigo, parecem ser gestos iguais. Cada toureiro tem, de facto, a sua personalidade e a sua forma de executar as “sortes”, referindo-se a palavra “sorte”, neste caso, ao tipo de “passe” ou de gesto executado na frente do toiro.

A diversidade é, porém, uma característica particularmente notável das tauromaquias populares. Há as que implicam o sacrifício dos animais, outras em que os toiros são as figuras, repetindo aparições em função das qualidades que lhe são atribuídas pelas pessoas. Algumas têm memórias perdidas nos tempos, outras são claramente mais recentes, pelo menos na sua dimensão atual, embora quase sempre tentem encontrar um referencial genésico longínquo. Noutros casos esse referencial foi real mas permaneceu escondido na “memória coletiva” enquanto a prática, por qualquer razão, se perdeu, sendo mais tarde recuperada. Há tauromaquias populares em meios urbanos e em meios rurais. Nas ruas e largos (umas vezes vedados, outras abertos) das vilas e cidades. Algumas compostas de várias partes (como, por exemplo, um “encerro” pela manhã, seguido da “lide” à tarde) e outras esgotam-se num momento,

que se repete segundo o tempo cíclico da festa. É também impressionante a distribuição no território Ibérico.³¹

Tentei pois penetrar nos códigos simbólicos e nos significados inscritos em cada um dos rituais e descobrir as relações, por vezes bem encobertas, com as realidades do quotidiano das comunidades. Em Portugal encontrei no extremo Norte as “chegas de bois” transmontanas,³² a “vaca das cordas” de Ponte de Lima, a “capeia raiana” (incluindo o toureio com o “forcão”) na região fronteiriça do concelho de Sabugal, as “touradas à corda” na Ilha Terceira dos Açores (recentemente expandida para outras ilhas), os sacrifícios taurinos, na margem esquerda do Guadiana e as esperas de toiros no Ribatejo e na região de Lisboa e as vacadas, “pamplonas” ou garraíadas que se realizam em praticamente todos os locais da linha do Tejo para Sul, até à fronteira do Algarve.³³

Em Espanha encontrei o território igualmente preenchido com encerros (o de Pamplona é o caso mais conhecido, dada a mediatização de que é objeto, tratando-se de uma versão cosmopolita e mediatizada de práticas comuns em toda a Espanha, incluindo a Catalunha),³⁴ o polémico “Toro de la Vega” de Tordesilhas, os Carnavais de Ciudad Rodrigo, os “Toros de Fuego” de Valência e de Castilha; as “sueltas de vaquillas” ou de toiros da Extremadura, Andaluzia, Valência, País Basco, Navarra e das diversas Castillas, os concursos de recortes hoje em dia presentes em todo o território e em fase de transição para a forma do espetáculo em recinto fechado, entre alguns outros.

³¹ Para um mapa quase completo dos rituais taurinos na Europa e na América do Sul ver Maudet (2010).

³² É discutível se se trata de tauromaquia, dado que a luta se trava entre dois toiros, cada um representando uma aldeia da zona transmontana de Barroso, e não entre um touro e humanos.

³³ Para uma descrição mais pormenorizada de cada um destes rituais ver Capucha (1999).

³⁴ Na Catalunha foram recentemente proibidas as corridas de toiros formais, mas não as festas populares, em função do argumento de que as corridas representam a “Fiesta Nacional” de Espanha, enquanto as tauromaquias populares são Catalãs. Funciona aqui o princípio de que a Festa traduz a tensão existente na sociedade entre forças independentistas e forças federalistas presentes naquela região.

Se a variedade e a dispersão territorial são um dos traços característicos das festas de touros, o outro é a universalidade de valores partilhados em todo o planeta taurino. O touro é sem exceção símbolo de força, de poder, de ferocidade, de coragem, de potencial genésico que transporta e renova a vida e simultaneamente ameaça de morte; é símbolo de bravura, insubmissão, capacidade de sofrimento sem rendição a não ser ao destino derradeiro, o momento em que, nos rituais sacrificiais, incluindo as corridas de touros, o animal “pede a morte”, conforme contam aqueles que têm de o entender e com ele comunicar para o poder lidar, os toureiros. É, por isso também, símbolo de generosidade e entrega radical para o bem comum.

Por outro lado, a forma como os homens se organizam para enfrentar e derrotar os touros obedece a valores que umas vezes salientam a capacidade e os atributos individuais, outras vezes a cooperação entre coletivos mais ou menos alargados. Em certo sentido, está presente uma relação equilibrada entre o homem e a natureza, de respeito e simultaneamente de domínio, por via da superioridade fornecida pela inteligência e pela organização impulsionada por valores morais e éticos. A solidariedade está sempre presente: nunca se regateia o risco corrido para acudir um companheiro colocado em apuros ou em perigo iminente. As festas de touros proporcionam a ocasião para rever os/as amigos/as e reconstruir os laços que unem aqueles que se identificam numa comunidade, reforçando a respetiva coesão. O arrojo, a coragem, a capacidade de controlar os instintos, eis um outro conjunto de valores que as festas de touros encerram.

A luta contra a perseguição animalista e a dominação cultural

O trabalho académico implica a partilha do conhecimento e a aprendizagem com o saber acumulado sobre o tema em estudo. Parti para o estudo das tauromaquias populares não apenas com a minha visão do mundo construída a partir de Vila Franca, mas também da leitura de autores como Marcel Mauss, Levi-Strauss, Pitt-Rivers e Bourdieu.

Encontrei-me com companheiros que se dedicavam ao mesmo trabalho. Aprendi muito com Pedro Romero de Sólís, professor de

sociologia na Universidade de Sevilha, diretor da Fundación de Estudios Taurinos e diretor da Revista de Estudios Taurinos. Conheci e troquei impressões com Fernando Viñas, Fernando Claramunt López, Frédéric Saumade, Francis Wolf, Victor Gomez Pin, Annie Molinié, Araceli Guillaume-Alonso, Jean Baptiste Maudet, Alfonso Valdivielso, Francisco Flores Arroyuelo e Maria José Garcia, entre outros investigadores em diversas Universidades espanholas e francesas. Organizei e participei em conferências internacionais, seminários e sessões de debate científico em Paris, Madrid, Sevilha, Cuellar, Valência e, claro está, em vários eventos, umas vezes mais académicos, outras vezes mais taurinos, em Portugal, incluindo na minha Universidade. As publicações e a visibilidade que a posição de académico me conferiam está na origem de vários convites para participar em debates com os anti-taurinos na televisão, nas rádios e nos jornais.

Nos primeiros tempos, os anti-taurinos, representados pela “Sociedade Protetora dos Animais”, conheciam as corridas de toiros. Alguns dos seus dirigentes tinham até sido aficionados que mudaram de campo. Usavam argumentos conhecidos desde o Século XVI:

...que as corridas de toiros são uma barbaridade, indignas de uma nação civilizada; reminiscência do circo Romano; um selvático incitamento à violência; uma tortura que inflige sofrimento aos animais; exaltação da animalidade humana; infantilidade; sub-normalidade; primitivismo (Pin 2002).

As nossas respostas também eram mais ou menos tipificadas. Giravam em torno:

da tradição; dos vultos da cultura e das artes que eram ou foram grandes aficionados; do facto de só ir aos toiros quem quer; do facto de o animal ser criado para aquele fim e apenas para aquele, sem o qual desapareceria enquanto património genético específico; de que a festa é parte do património cultural da nação portuguesa; etc.

Os anti-taurinos eram uma espécie de “parte desavinda” da família. Recordo-me de um velho amigo do meu pai, o Sr. Orlando Vieira, que era simultaneamente grande aficionado, irmão de um dos primeiros

cabos do grupo de forcados amadores de Vila Franca de Xira, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, entidade proprietária da Praça de Toiros Palha Blanco e... representante local da Associação Protetora dos Animais. Na verdade, ninguém esperava produzir qualquer mudança real com aqueles debates. A uns bastava impedir os “toiros de morte” e a outros a proibição das touradas.

O “caso de Barrancos” marcou uma viragem nesta situação.³⁵ Barrancos é uma pequena vila com cerca de 2000 habitantes localizada na fronteira alentejana entre Portugal e Espanha. A origem da população é repartida pelos dois países, fala-se lá um dialeto próprio que mistura as duas línguas e as trocas económicas e sociais com Espanha (principalmente com a vizinha Encinasola) são pelo menos tão intensas como com a localidade portuguesa mais próxima, situada ao dobro da distância.

Em Barrancos, pelas festas de finais de Agosto em honra de Nossa Senhora da Conceição, organizam-se encerros e corridas de toiros, numa Praça construída de forma característica com madeira (os tabuados) na praça central da Vila. Os toiros, cinco ao longo de três dias (no último dia corre-se um toiro e solta-se uma vaca para diversão dos populares) são mortos a estoque, depois de lidados por toureiros profissionais e vestidos de luzes. Embora conhecidas, as Festas foram sempre (desde que há memória) toleradas pelo estado, inclusivamente pelo regime fascista, que “fechava os olhos”. Literalmente: o chefe local da polícia abandonava o local na altura da morte dos toiros para justificar a ausência de atuação no sentido de fazer cumprir a lei nacional de proibição dos toiros de morte, publicada pelo governo fascista em 1928.

Na sequência de uma reportagem televisiva em 1996 que deu visibilidade às festas, associações animalistas de uma nova geração conseguiram obter em 1997 de um Juíz do Porto (cidade situado a mais de 600 Km de distância) uma providência cautelar a proibir as touradas, obrigando assim o governo nacional a atuar. Em Barrancos tocou-se a rebate e toda a população, junta, disse inequivocamente que as festas se realizariam como manda a tradição. Tornou-se evidente que o cumprimento da providência cautelar implicaria uma ação policial de

³⁵ Para uma análise aprofundada do “caso de Barrancos” e do que ele implicou na sociedade portuguesa ver Capucha (2003).

consequências imprevisíveis, já que as pessoas estariam dispostas a tudo para preservar o que consideravam um direito inalienável e um atentado à sua dignidade. O mote principal entre a população, que reclamava o direito à prática ritual que melhor a identifica, tinha a forma de pergunta: *Los comemos vivos?* É que a carne dos toiros depois de mortos é vendida a preços acessíveis, dando às pessoas a oportunidade única no ano de consumir um bem raro: carne de bovino, para mais bravo, a qual se acredita possuir propriedades quase mágicas transmissíveis às pessoas, como a virilidade. Diz-se isso sempre em tom de brincadeira, mas a crença é real, antiga e presente em muitas comunidades taurinas, incluindo em meios inequivocamente modernizados.³⁶

Durante 4 anos o “caso de Barrancos” foi o assunto mais mediatizado, de longe, no país. Debateram-se a propósito de Barrancos temas como os direitos dos animais, o direito à identidade cultural, o estado de direito e a sua capacidade para fazer cumprir as leis, mas também a legitimidade dessas leis e o direito das populações à revolta, a relação entre o campo e a cidade, entre muitos outros tópicos. Até que por iniciativa do Presidente da República Jorge Sampaio, a Assembleia da República legislou no sentido de permitir a morte do toiro em público nos locais em que se provasse que tal constitui prática ininterrupta há pelo menos 50 anos. Pensava-se que era a Lei da “exceção de Barrancos”, por desconhecimento da existência de outros sacrifícios taurinos praticados na mesma região, e com o mesmo fim de comunhão da carne “sagrada” do toiro. A Lei, ao mesmo tempo que “abriu a exceção”, proibiu a “sorte de varas”, um dos “tércios” da corrida integral que se realizava com alguma frequência em localidades como Vila Franca e Moita do Ribatejo na região de Lisboa, e em Angra do Heroísmo nos Açores.

Durante os anos da polémica fui convidado a representar Barrancos em vários debates públicos em que me encontrei com a nova geração de grupos animalistas. Desde os primeiros contactos se me afiguraram muito diferentes em relação à antiga geração de “amigos dos animais”. Extremamente agressivos, adotam atitudes radicais, fechadas a qualquer troca de opiniões sobre o ritual taurino, que desconhecem em

³⁶ Por exemplo, em Pamplona, ainda hoje é comum os noivos correrem toiros nos encerros que precedem o casamento.

absoluto. Estão organizados e são adestrados no uso de um ideário preparado em centros propagandísticos internacionais visando a abolição dos rituais taurinos. Têm além disso o apoio de interesses económicos que lhes permitem realizar ações de protesto – algumas com agressões a pessoas e vandalização de património – juntando geralmente duas ou três dezenas de jovens transportados em autocarros alugados pelas associações que se manifestaram em Barrancos e depois disso à porta de muitas praças de touros, para invetivar e ofender os aficionados e os toureiros, com cobertura mediática e alguma visibilidade pública. Os apoios, na Europa, chegam-lhes, segundo o rasto do dinheiro que é possível fazer, das “indústrias pet”, por intermédio da Fundação Franz Weber, sediada na Suíça, às quais interessa a mensagem de que existe uma, e só uma, maneira de tratar “bem” os animais, geralmente conducente ao consumo dos seus produtos. A mensagem penetra com relativa facilidade num contexto cultural no qual, por um lado, a relação direta com a natureza está ausente e em que os animais, previamente antropomorfizados, constituem muitas vezes “substitutos funcionais” de afetos fortes (como as amizades eletivas) em relação a pessoas que certos estilos de vida urbanos tornaram inacessíveis. Por outro lado, um ambiente cultural marcado pelo peso das indústrias culturais de massa que construíram um imaginário baseado no estereótipo dos animais “à Walt Disney”, segundo o qual eles pensam, sentem, falam e agem como se fossem pessoas.

Nas aulas com os meus alunos, e noutras conversas com pessoas que não compreendem que eu participe numa cultura em que, segundo a sua visão do mundo, se “faz mal” aos animais, várias vezes sou questionado sobre o tema taurino. Nas questões que me colocam a preservação das espécies não é relativa ao direito dos homens viverem num mundo com futuro (Steil & Toniol 2013). A distinção entre os homens - animais capazes de produzir cultura e ética - e os outros animais aparece anulada. E a rejeição dos rituais taurinos aparece como rejeição da presença da morte, do sangue e da violência ao vivo, sem a intermediação de especialistas que os “neutralizam”, ora afastando-os do campo de visão, ora mediatizando-os e transportando-os para campos mais ou menos virtuais e filtrados pela linguagem mediática, em que se tornam tão banais como irrealis.

O que esses alunos e outras pessoas questionam é a tolerância em relação à visão da morte, do sangue, da natureza como ela é, e que choca com a sensibilidade de uma cultura de massas cuja idealização da natureza e dos animais só podia ter nascido precisamente da perda de contacto com eles, isto é, do “desnaturalizado mundo das espécies” (Pin 2002).

Inquéritos recentes³⁷ permitem dizer que é bastante mais numerosa a minoria dos portugueses sensíveis ao argumento do direito à identidade e à legalidade da Festa, do que os que pretendem a abolição dos rituais taurinos, sendo a maioria indiferente.

A coordenação internacional das campanhas anti-aurinas com campanhas a favor da preservação das espécies e o impacto do discurso das indústrias culturais sobre os animais tornam, porém desconfortável a posição dos aficionados nos debates com os animalistas, apesar da utilização de argumentos mais elaborados agora do que noutros tempos. Se de um lado se joga com o “choque” provocado pela visão descontextualizada do sangue e da morte, do outro lado o argumentário alargou-se. Dizem os “pró-aurinos”, e tenho-o eu dito com frequência nos debates a que aludi, que respeitam a opinião dos que são contra, pedindo em troca respeito igual pela sua. Protesta-se por se ser tratado como selvagem, incivilizado ou pessoa sem sentimentos. Que nas cidades, vilas e aldeias aurinas não há mais violência, nem mais crimes, nem mais comportamentos incivilizados do que nas outras.³⁸ E que quem

³⁷ O único Estudo Opinião sobre Touradas profissional, realizado por uma empresa de sondagens independente, foi levado a cabo pela Eurosondagem, em 2011, em todo o país, e mostrou que 86,1% não quer qualquer proibição das touradas. Os resultados parciais foram os seguintes: 32,7% dos portugueses são aficionados, 20,6% são indiferentes às touradas, 32,8% não é aficionado mas não é contra as touradas, 11% são contra as touradas, defendendo a sua proibição. Ainda 59,3% dos portugueses acham que as touradas contribuem para uma boa imagem do país no estrangeiro. 75% dos portugueses acham que as touradas têm importância ou alguma importância para a economia e turismo e 65,3% acha que seria muito grave o desaparecimento da tradição aurina. Esta conclusão é coerente com sondagens várias realizadas enquanto durou o “caso de Barrancos”, mas respeitantes apenas às festas dessa localidade.

³⁸ Uma associação animalista portuguesa, chamada “Animal”, pretende que se crie legislação que proíba a presença de crianças nos espetáculos aurinos. Um grupo de peritos da ONU que publicou no dia 5 de Fevereiro de 2014 um relatório sobre a

vai aos toiros também tem cães e gatos em casa, que tratam como companheiros. Mas não como iguais. Apesar de tudo, creio que não aceitariam educar os filhos da mesma maneira que treinam e ensinam os animais que têm em casa.

Argumento, nos debates públicos e nas conversas privadas, que não é novidade que os animais com sistema nervoso central possuem sentimentos e uma certa individualidade. Essa é a primeira coisa que os toureiros têm de perceber: não há dois toiros iguais, pelo que as faenas não se podem trazer estudadas de casa, têm de ser construídas em comunicação com o animal e interpretando-lhe as intenções. As cornadas acontecem sempre, comprovadamente, por culpa dos toureiros, porque os toiros, que os aficionados consideram animais “nobres”, dão sempre aviso prévio sobre o que vão fazer. As cornadas resultam da má ou da ausência de interpretação do sinal enviado pelo animal. Também não há dois cavalos iguais, nem dois cães, nem dois gatos, nem dois ratos. Mas isso não quer dizer que os animais sejam como as pessoas. Não possuem a capacidade de refletir e distinguir o bem do mal. Não são, portanto, sujeitos morais. Como tal não têm deveres, e portanto, em sentido preciso, também não têm direitos, a não ser os que os animais humanos lhes atribuem. A maioria das pessoas que condena as corridas de toiros não condena, geralmente, o abate para alimentação, nem práticas como a desratização ou o uso de inseticidas em casa. Como se alguns animais tivessem direitos e outros não, protestamos nós, aficionados à Festa.

O único animal capaz de possuir escrúpulos éticos é o homem. Por isso não há “cultura animal”, mas culturas diferentes representam de forma diversa os animais e o que se deve fazer com eles. As sociedades que geram a ideia dos “direitos dos animais” são as mesmas que levaram

situação das crianças em Portugal faz exatamente a mesma proposta. Dizem que a violência do espetáculo pode causar danos na saúde física, mental e emocional das crianças. Eu que fui levado pelo meu pai e que levei os meus filhos desde crianças aos toiros, bem como os milhões de pessoas com saúde mental normal a quem aconteceu o mesmo, só podem questionar-se sobre as verdadeiras intenções deste tipo de propostas. Já não se pretende apenas impor um determinado padrão de gosto e de relação “desnaturalizada” com a natureza e os animais, mas também uma determinada forma de viver e de educar os filhos.

perto da extinção muitas espécies e se confrontam hoje com os riscos ecológicos.

Procuro argumentar que somos sempre nós, as pessoas, que arbitramos. Os toiros lutam até à morte uns com os outros no campo. Não o fazem por bem ou por mal, por estar certo ou errado. É o seu instinto. Os animais não humanos aprendem, mas sempre de forma instintiva. O discernimento moral, bem como a existência de direitos e deveres, só faz sentido, portanto, entre os humanos (Pin 2002), é o ponto de vista do campo taurino.

Precisamente por serem dotados de discernimento podem decidir preservar ou destruir a natureza. E acabar com as touradas seria condenar à extinção, ou remeter para o zoológico, os toiros bravos.

Contra as imagens “chocantes” de toiros agonizantes na arena, contrapomos queelas só podem ser compreendidas no contexto dos rituais taurinos, sem o que perdem o sentido, seguindo a lógica de Mary Douglas (2013) de que a diferença entre o “puro” e limpo e o “perigoso” e sujo é determinada não pelas coisas em si, mas pelo lugar que cada objeto ou prática ocupa: o seu lugar próprio, ou fora dele. O que um aficionado vê na festa não é o mesmo que vê uma outra pessoa. Para ele o toiro é um animal especial, quase-sagrado, que merece cumprir o seu destino até ao fim. Se esse destino é o sacrifício para que foi criado, merece a morte digna de um bravo. Lidar o toiro com verdade, isto é, cumprindo as regras, é respeitá-lo. Nada ofende mais um aficionado do que testemunhar a violação dessas regras. Tourear é tornar um engano verdadeiro. Não cabem na tauromaquia enganamentos enganosos. Nem se respeita o toiro abatendo-o no matadouro, um pouco à traição, depois do combate na arena.

De resto, o objetivo não é para matar, é comer, num processo que vai além da mera alimentação³⁹ e visa a apropriação simbólica das qualidades atribuídas ao animal. Nem sequer é um mero devaneio gastronómico. O abate de um animal no quadro de um sacrifício implica que ele possua um valor insigne. A carne de toiro é carne sagrada (Solis 1995). Os aficionados não se sentem meros espectadores que se

³⁹ Entre os homens, a alimentação quase nunca é uma prática moral e simbolicamente neutra. A gastronomia é um elemento da cultura, não um mero gesto instintivo (Douglas 2002).

comprazem com o sofrimento de um animal. Pelo contrário, sentem uma afeição especial em relação aos toiros e sentem-se cúmplices dos oficiantes e participantes num ritual de exaltação das qualidades do animal que dá a sua lição vital de luta sem entrega até ao último suspiro. Se isso assume, no caso das tauromaquias institucionais, a forma de espetáculo, é porque a tauromaquia partilha com as outras manifestações culturais essa configuração típica da modernidade, preservando porém o conteúdo simbólico. E nos rituais em que não se mata o toiro, em que ele nem sequer sangra, o argumento é idêntico: o toiro cumpre uma missão na comunidade, corporiza certos valores que a identificam e os jogos taurinos permitem reconstruir ciclicamente laços de solidariedade que unem os seus membros do coletivo humano.

Estas ideias são, porém, muito mais difíceis de se afirmar do que uma imagem chocante e descontextualizada de um toiro agonizante. A polémica entre o “mundilho dos toiros” e os atuais anti-taurinos é, antes de mais, uma luta de resistência à dominação cultural. Está em causa, de facto, a possibilidade de existência de um ritual baseado numa visão dos animais e da natureza diferente, ou mais precisamente, alternativa à que transmitem e procuram impor as indústrias culturais e as indústrias de produtos para animais de companhia. Uma luta desigual, porque desiguais são os meios. Uma luta, porém, importante, a favor da democracia cultural e do respeito pelos gostos dos outros. O limite da liberdade cultural tem de ser o respeito pelos direitos humanos. Foi isso que aprendi enquanto cresci como aficionado. E é isso que agora procuro ensinar aos meus filhos.

Bibliografia

- ARROYUELO, Francisco J. Flores. 1999. *Correr los toros en España. Del monte a la plaza*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas. 2004. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*. Petrópolis: Editora Vozes.
- CALVO, Enrique Gil. 1989. *Función de Toros*. Madrid: Espasa Calpe.

Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 17, volume 24(1): 2013

- CONRAD, Jack Randolph. 1959. *The horn and the sword. The history of the bull as symbol of power and fertility*. London: MacGibbon & Kee.
- CAPUCHA, Luís. 1994/1995. “O espelho quebrado: *versus* e *reversus* nas tauromaquias populares”. *Mediterráneo*, 5/6: 33-57.
- CAPUCHA, Luís. 1999. “Histórias da Tauromaquia em Portugal: cavaleiros, forcados, matadores e festas populares”. In MOLLINIÉ-BERTRAND, Annie, DUVIOLS, Jean-Paul & GUILLAUME-ALONSO, Araceli (eds.): *Des Taureaux et des Hommes*, pp.135-148. Paris: Presses de l’Université de Paris-Sorbonne.
- CAPUCHA, Luís. 2003. “Barrancos, pura fiesta”. *Revista de Estudios Taurinos*, 16: 95-131.
- COSTA, António Firmino & GUERREIRO, Maria das Dores. 1984. *O trágico e o contraste: o fado no bairro de Alfama*. Lisboa: Dom Quixote.
- Da MATTA, Roberto. 1990. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara (5ª edição).
- De MELO, Victor Andrade. 2013. “As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial”. *Horizontes Antropológicos*, 40: 365-392.
- DOUGLAS, Mary. 2002 [1966]. *Purity and danger*. London: Routledge.
- DURKHEIM, Émile. 1991 [1912]. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. 1988. *Origens orientais da religião popular portuguesa*. Lisboa: Assíria e Alvim.
- MAUDET, Jean-Baptiste. 2010. *Terres de Taureaux. Les jeux taurins de l’Europe à l’Amérique*. Madrid: Casa de Velázquez.
- MAUSS, Marcel. 1989 [1950]. *Sociologie et anthropologie*. Paris: Quadrige/PUF.
- MIRANDA, Ángel Álvarez. 1998. *Ritos y juegos del toro*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- PIN, Víctor Gomez. 2002. *La escuela más sóbria de vida. Tauromaquia como exigencia ética*. Madrid: Espasa Calpe.
- SAUMADE, Frédéric. 1998. *Les Tauromachies Européennes. La forme et l’histoire, une approche anthropologique*. Paris: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques.

- SOLIS, Pedro Romero. 1995. “La Tauromaquia considerada como un sacrificio. Algunos aspectos sobre el origen, posición y calidad de su publico”. In SOLIS, Pedro Romero (ed.). *Sacrificio y tauromaquia en España y América*. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- STEIL, Carlos Alberto & TONIOL, Rodrigo. 2013. “Além dos humanos: reflexões sobre o processo de incorporação dos direitos ambientais como direitos humanos nas Conferências das Nações Unidas”. *Horizontes Antropológicos*, 40: 283-309.
- TEIXEIRA, Fernando. 1994. *O touro e o destino. Morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa.
- VELHO, Gilberto. 2012. “O patrão e as empegadas domésticas”. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 69: 13-30.
- WOLF, Francis. 2003. “¿Por qué muere el toro? Examen de la teoria pitt-riversiana”. *Revista de Estudios Taurinos*, 16: 133-147.

Recebido em janeiro de 2014

Aprovado para publicação em março de 2014